

# **PROBLEMATIZANDO PRÁTICAS EDUCACIONAIS: O EDUCADOR ENQUANTO MEDIADOR DA RELAÇÃO TV X ESCOLA**

Rejane de Oliveira <sup>1</sup>

## **RESUMO**

Nesta pesquisa, objetivamos desenvolver uma prática educativa no sentido de investigar a inserção da televisão no cotidiano escolar e a necessidade de uma redefinição do papel do professor, possibilitando que este estabeleça uma interação com os meios de comunicação e uma atuação enquanto mediador do processo de ensino-aprendizagem, potencializando, com isso, a formação de um aluno mais crítico em relação ao veículo televisivo.

Tendo em vista o caráter dialógico de nosso estudo, optamos pela utilização de uma abordagem qualitativa de investigação. Por suas características metodológicas este trabalho inscreve-se como dialético, visto que existe a preocupação constante de analisar a problemática em questão sempre dentro de um contexto histórico e social, apontando as contradições e realizando uma revisão dos parâmetros já estabelecidos.

Dessa forma, esta pesquisa visa criar possibilidades para novos olhares e novos diálogos nos estudos da temática abordada. É de acordo com essa perspectiva, de inacabamento dinâmico, que delineamos nosso estudo, apontando a televisão como um desafio para a escola, uma possibilidade de interação entre educador e educandos e um instrumento mediador do ensino-aprendizado.

## **ABSTRACT**

In this research we aim at developing an educational practice to investigate the insertion of television at school and the necessity of a redefinition of teacher's role, making possible he/she interfaces with the communication means and acts while mediator of the teaching-learning process, empowering, this way, the awareness of a critical student in what concerns the television.

Considering the dialogic contemplation of our study, we chose a qualitative investigation approach. Because its methodological characteristics, this work is dialectic, since there is a constant preoccupation in analyzing the issue within a social and historic context, pointing the contradictions and reviewing the already established parameters.

This way, this research aims at creating possibilities to new dialogical looks on the studied theme. According to that perspective, of dynamic unaccomplishment, we delineated our study pointed the television as a challenge to the school, a possibility of interaction between educator and students and a mediator tool of the teaching-learning process.

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Ciências Humanas da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Extensão de São Luiz Gonzaga. Mestre em Educação. Doutoranda em Ciências da Comunicação.

*“Picasso dizia que a pintura não foi feita para decorar apartamentos; é um instrumento de guerra ofensiva e defensiva contra o inimigo. Pois, a televisão também não foi feita para mobiliar um apartamento; é um instrumento de guerra ofensiva e defensiva contra a ignorância”.*

LAZAR, J. Mídia e Aprendizagem. In: *Série de Estudos Educação a Distância*. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 1999, p.91.

Há muito tempo, o veículo televisão já deixou de ser só informação e entretenimento. Agora, a TV também educa e, acima de tudo, transformou-se em uma instituição socializadora. No entanto, ainda hoje, a escola experimenta resistência e desconforto ao utilizá-la.

Para Chiappini (1999), o problema se dá porque muitos educadores ainda tratam o veículo como meio técnico, sem que suas funções simbólicas e ideológicas sejam analisadas.

A assiduidade com que as crianças assistem à TV e a opinião majoritariamente positiva sobre o veículo transformam-se em indicadores relevantes da importância da TV como formadora e socializadora do público infantil. Se somarmos a isso as dificuldades enfrentadas pelas escolas e a precariedade com que vivem as camadas mais pobres da população, podemos dizer que, cada vez mais, a TV tende a tomar o espaço da família e, também, da escola no que se refere a tarefa de socialização das crianças.

Para Belloni (1991, p.34), a televisão tem um papel muito importante no processo de socialização "na medida em que ela fornece significações (mitos, símbolos, representações) preenchendo o universo simbólico das crianças com imagens irreais". Além disso, ela transmite também um saber acumulado e informações sobre a atualidade, fornecendo uma certa representação do mundo.

Por ser resultado da interação da criança com o meio onde vive, o processo de socialização é *dividido* com várias instituições socializadoras: a escola, a família e, agora, também com a TV.

Lazar (1999) lembra que o processo de socialização da criança sofreu uma importante modificação com a chegada da mídia televisiva, e essa modificação tem uma estreita relação com a diminuição do prestígio da escola. Agora, a criança não precisa mais chegar à idade em que é considerada madura o suficiente para receber as informações que lhe são destinadas, basta que aperte o botão do aparelho de TV e essas informações já estão disponíveis.

A TV é capaz de produzir uma verdadeira fascinação no público adulto e com as crianças isso não é diferente. Atualmente, milhões de telespectadores infantis passam, em média, quatro horas diárias diante da TV (Rezende, 1989, p.4). Esse período, muitas vezes, passa a ser bem maior e chega a ultrapassar o tempo em que a criança fica na escola. Logo, esse aluno acaba produzindo

uma aprendizagem através de múltiplas linguagens e uma interação com os programas televisivos a que assiste, sem que, muitas vezes, seja feita uma análise crítica de seus conteúdos.

Em seu texto “Educação, Movimento e Escolha”, Sadek (1999, p.14) fala que o meio televisivo vem sendo usado de forma passiva pela maioria das pessoas. No entanto, o autor salienta que “a inércia diante das máquinas não é a única forma de aproveitá-las, e não é esse o estado que interessa à educação, principalmente porque não provoca movimentos”.

A necessidade de integrar os veículos de comunicação de massa à educação escolar é fruto do entendimento das mudanças que vêm ocorrendo em nossa sociedade. Isso, obviamente, implica em modificações na estrutura educacional, tornando a relação ensinar-aprender uma tarefa e uma possibilidade tanto do aluno quanto do professor.

Percebemos a necessidade de investir no estudo do uso social do veículo televisivo e, conseqüentemente, propor ações que visem a uma melhoria na recepção das mensagens. E foi a partir dessa percepção que traçamos o objetivo principal de nosso estudo.

Como propósito maior, objetivamos desenvolver uma pedagogia escolar crítica, através da construção e aplicação de programas de formação continuada de professores, preparando-os para dividir espaços com outras fontes de saber, externas à instituição escolar.

Para concretizar tal proposição, delineamos como objetivos específicos:

- Propiciar, aos educadores, o conhecimento da linguagem televisiva, proporcionando, assim, momentos de reflexão e análise dos programas televisivos a que assistem;
- Potencializar a elaboração de uma prática educativa que utilize a linguagem e o conteúdo televisivo para construir um saber, utilizando a TV como fonte de informação e, ao mesmo tempo, como formadora de cidadãos críticos, sujeitos e não objetos na relação receptor x veículo.

O professor será o responsável por integrar, criticamente, o aluno ao mundo em transformação. Para Sampaio (1999, p.73-74), cabe ao professor

incorporar as experiências e conhecimentos dos alunos, utilizando-os como ponto de partida e como referência para a sistematização de conteúdos, para o desenvolvimento de uma visão crítica sobre a realidade, enfim, para a superação de uma visão empírica trazida pelo aluno e para a aquisição de uma visão mais elaborada sobre o mundo de modo geral, visando permitir-lhe uma participação social mais efetiva.

Nesse sentido, é tarefa nossa (enquanto educadores) educar nossos alunos (receptores), dando-lhes oportunidade de conhecer as linguagens dos veículos de comunicação de massa, a fim de oferecer a eles os instrumentos necessários para que possam se proteger da massificação e da dominação característica de quem se tornou um receptor passivo diante do conteúdo dos meios de comunicação. Possibilitando essa interação (aluno x conteúdos dos veículos), estaremos reduzindo

a probabilidade de torná-los seres “dirigidos” pelos meios e favorecendo a elaboração de um espírito crítico e seletivo em relação ao conteúdo comunicativo.

## **EDUCAÇÃO PARA AS MÍDIAS: VISANDO À FORMAÇÃO DO TELESPECTADOR CRÍTICO**

*“O verdadeiro educador é aquele que ajuda a  
transformar informação em conhecimento;  
o conhecimento em sabedoria”.*

José Manuel Morán

Palestra “Mídia, educadora de nossos tempos?”  
Auditório do Instituto Centenário, 06/07/2001/ SM / RS.

Os educadores de hoje estão vivenciando a repercussão e os desafios que os meios de comunicação produzem sobre a escola e na sociedade como um todo. Ao mesmo tempo, as novas tecnologias impõem aos alunos uma série de questionamentos para os quais a pedagogia tradicional ainda não possui respostas satisfatórias.

Na sociedade tradicional, a escola era considerada a “fonte do saber” e o professor era o único detentor do conhecimento. A transmissão do saber era basicamente oral e visava à formação dos sujeitos. A imagem era vista como acessório, totalmente dispensável para o aprendizado do aluno.

Essas frases formuladas no tempo passado não querem dizer que esse tipo de pensamento tenha sido profundamente modificado. Segundo muitos autores, nossa educação continua parcial. Sabemos ler apenas textos impressos e não imagens.

Entretanto, embora a escola não tenha sofrido grandes modificações, seus alunos mudaram, e muito. Enquanto os educadores possuem as mais variadas restrições à comunicação, os alunos mantêm um relacionamento totalmente *amigável* com as novas tecnologias e com os modernos sistemas de informação.

Goergen (1986, p.167) salienta que “a escola não é mais, ao lado da família, a única instância responsável pela educação. Sobretudo os meios de comunicação exercem, na sociedade de hoje, uma influência extraordinária”. Agora, o professor não é sua única, nem principal, fonte de saber. Eles assistem à televisão, ouvem rádio, lêem jornais, navegam na Internet e estão conectados com as mais diversas tecnologias da atualidade. Ou seja, o aluno mudou. Ele aprendeu a fazer leituras de imagens, a aprender com as cores, com os sons. Seu aprendizado *paralelo* é muito diferente da monotonia da lousa e do giz da sala de aula.

Ao chegar à escola, esse aluno traz consigo um saber/ conhecimento intrínseco. Logo, esse aluno espera trocar conhecimentos, isto é, espera interagir com os diferentes saberes do grupo. O problema se dá quando a outra parte (professor) não está apta (ou disposta) a realizar essa troca.

Uma das críticas feitas à escola de hoje é o seu distanciamento com a realidade vivida pelo aluno. Logo, torna-se urgente que essa instituição tome como prioridade o domínio da linguagem e a integração com os veículos de comunicação, a fim de que possa tornar-se um mediador na relação aluno x TV. Belloni (2001, p.26) define mediatizar como a arte de

"conceber metodologias de ensino e estratégias de utilização de materiais de ensino/aprendizagem que potencializem ao máximo as possibilidades de aprendizagem autônoma. Isto inclui desde a seleção e elaboração dos conteúdos, a criação de metodologias de ensino e estudo, centradas no aprendente, voltadas para a autonomia, a seleção dos meios mais adequados e a produção de materiais, até a criação e implementação de estratégias destes materiais e de acompanhamento do estudante de modo a assegurar a interação do estudante com o sistema de ensino".

Mas, então, será que não é chegada a hora da escola intervir nesse processo e transformar-se em mediadora da relação aluno x TV? Talvez a escola esteja perdendo sua grande oportunidade de fazer uso da linguagem televisiva para produzir uma aproximação com seus alunos.

Em seu artigo "Televisão e Escola: escolas paralelas?", Porto (1995) expõe alguns pontos no que se refere à aproximação/distanciamento entre a escola e a TV. Segundo a autora, ambas são reprodutoras culturais e *frequêntadas* por crianças e jovens (independentemente de sexo, idade ou classe social). No entanto, uma é reconhecida como instância de lazer (TV) e outra como instância de saber e conhecimento (escola).

Barbosa (1984, p.148) analisa a relação aluno- TV- escola, levantando um outro ponto importante. Segundo a autora, "a televisão compete com o professor que, em geral, enfrenta a competição minimizando o adversário ou culpando-o pelos males sociais da atualidade e pela má formação da consciência e do pensamento de seus alunos". A autora acrescenta a essa discussão a idéia de que "há um conflito cultural entre o saber escolar e o saber de apelo imediato da televisão. A escola não tem enfrentado o conflito, e o adversário sai ganhando".

Ao invés de recriminar seu conteúdo, a escola deveria discutir com seus alunos os aspectos positivos e negativos da televisão. Acreditamos que, hoje em dia, é preciso ver a TV como uma aliada (nunca uma adversária), "educar a favor da TV e não para defender-se dela" <sup>4</sup>.

Zambon (2001, p. 02) fala que cabe à escola ser criativa para curar a embriaguez do telespectador *viciado na telinha*. "Discutir e analisar o conteúdo da programação televisiva pode, mesmo que parcialmente, aguçar o olho crítico do telespectador *indefeso*".

Partindo da concepção de Foucault (1998) de que “conhecer é governar”, pensamos que a partir do momento em que o aluno começa a desenvolver seu senso crítico, começa a discutir sobre o que está sendo mostrado, aumenta seu entendimento sobre o que é proveitoso e o que não é, o que é informação e o que é manipulação.

No entanto, Belloni (2001, p.44) salienta que

é ilusório pensar que a mídia triunfante e poderosa irá renunciar a seu poder e se adaptar aos objetivos da escola. Também ilusório é esperar que as famílias (sobretudo nas camadas mais pobres) tenham condições de conscientizar seus filhos e educá-los para a leitura crítica das mensagens de televisão. Somente a escola pode -teórica e praticamente- conceber e executar mais esta tarefa fundamental de educação para a mídia.

A socióloga francesa Judith Lazar, em entrevista exclusiva ao jornalista Marcus Barros Pinto (1998), defendeu que "a escola não pode continuar a ignorar a TV. Antes de discutir sua qualidade, ou falta de, é importante que a escola perceba o seu papel na educação, incluindo o desenvolvimento de uma visão crítica da criança diante da televisão". A socióloga complementa seu raciocínio dizendo que a escola é a única instituição capaz de produzir algum benefício real para as crianças, mas, para isso, é preciso que perca seu enorme preconceito em relação à TV.

Follari *apud* Sampaio (1999, p.65) diz que “a escola deve discutir, criticar, comparar; aproveitar a existência de alguns meios e, a partir de uma perspectiva diferente, buscar a desalienação e, ao mesmo tempo, a formação de uma consciência crítica e reflexiva”. Isso significaria a utilização das tecnologias não somente como facilitadora do ensino-aprendizado, mas também como objeto de análise.

Faz-se necessário recuperar a idéia de uma escola não meramente transmissora de conhecimentos e sim de uma escola produtora de saberes. A absorção do desafio imposto à escola pelos meios de comunicação e pelas novas tecnologias pode, e deve, ser encarada como uma questão das escolas e de seu processo de formação de professores, pois entendemos que a inserção dos meios de comunicação na escola não se fará como uma disciplina específica ou com a simples exposição de elementos audiovisuais em sala de aula e sim como uma nova conduta pedagógica problematizadora e questionadora.

Rezende (1989, p.4) afirma que “o telespectador tanto pode permanecer reduzido à contemplatividade, como ser incitado à tomada de consciência e à ação transformadora. A tevê permite o avanço de um nível passivo-contemplativo a um nível crítico quando problematiza o evento e dialetiza o espetáculo”. Em outras palavras, a influência da televisão, tanto positiva quanto negativamente, dependerá, muitas vezes, do trabalho pedagógico realizado com ela.

A teoria de Greenfield (1998) é que, se a televisão for utilizada com orientação e espírito crítico, ela pode dar uma grande contribuição para o aprendizado infantil, pois desenvolve habilidades diferentes das desenvolvidas pela leitura e pela escrita. Através do diálogo e discussão em sala de aula, as mídias podem ser incorporadas à educação de maneira estritamente positiva.

Nesse sentido, Freire (1996, p.25) diz que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. É colaborar para o crescimento do sujeito, enquanto ser social. O que estamos percebendo é que, para construir esse crescimento, é necessário uma troca de saberes, é necessário que ambos (educadores e educandos) estejam dispostos a aprender, ou seja, é necessário reconhecer que queremos nos comunicar, queremos trocar informações, queremos aprender. Por essa razão, dizemos que o aprendizado pode ser considerado um ato comunicativo.

Reafirmamos essa idéia com a reflexão de Penteadó (1991, p.112) quando a autora diz que "ensino é comunicação. Não qualquer tipo de comunicação. Mas comunicação dialógica. Não meramente reprodutora, mas reelaboradora do conhecimento".

Freire nos indica uma pedagogia fundamentada essencialmente no diálogo, elegendo o homem como participante crítico, num contínuo processo de criação-reação. O educador enuncia que é preciso transformar os meios de informação em meios de comunicação, estimulando e promovendo a criatividade através desses próprios meios.

Em sua obra “Pedagogia do Oprimido”, Freire fala da necessidade de fundamentar na comunicação todo o sistema educativo. Freire (1987, p. 116) resume dizendo que é uma exigência da atualidade “conceber os homens como seres que não podem ficar à margem da comunicação, posto que são comunicação em si. Colocar obstáculos à comunicação equivale a transformar os homens em objetos”.

Transpondo a afirmação de Paulo Freire para o referencial teórico da comunicação, podemos dizer que o sujeito social ativo vai interagir com a televisão, produzindo sentidos e não apenas atuando como um decodificador de mensagens. De acordo com Sousa (1995, p.152)

as conseqüências desse novo entendimento formam a aproximação das noções de cultura e de comunicação, resultando nas mediações como objeto de estudo; a escolha do cotidiano como espaço-tempo de análise; o reconhecimento dos receptores como sujeitos populares capazes de produção de sentido.

De acordo com Coutinho (1998, p.14), "a linguagem audiovisual abre diferentes possibilidades e oportunidades educacionais. O mais importante, seguramente, não é descobrir as especificidades das técnicas, mas sim conhecê-las para utilizá-las pedagogicamente, fazendo delas instrumentos de criação, expressão e comunicação".

Dessa forma, Porto (2000, p.30) esclarece que buscamos, na verdade, "uma educação que contribua não com a coleção e armazenamento de informações, mas com o processamento dessas informações, pois elas estão cada vez mais disponíveis. O que necessitamos, hoje, é saber processá-las criticamente".

Na concepção de Sampaio (1999, p.15), devido ao fato de estarmos “cercados pelas tecnologias e pelas mudanças que elas acarretam no mundo, precisamos pensar em uma escola que forme cidadãos capazes de lidar com o avanço tecnológico, participando dele e de suas conseqüências”. No nosso ponto de vista, essa capacidade pode ser desenvolvida através do contato com as novas tecnologias e, também, através da análise crítica de seus conteúdos. Isso quer dizer que não basta o uso mecânico dos recursos, é necessário o domínio crítico da linguagem.

No entanto, ainda hoje, alguns educadores questionam se a inserção dos meios de comunicação, e mais especificamente da televisão, não iria, mais uma vez, trabalhar a favor da classe dominante. Sobre essa questão, Paulo Freire (1996) diz que os educadores não devem temer a comunicação e as novas tecnologias e sim fazer uso desses instrumentos para formar cidadãos críticos e conscientes do meio onde vivem.

Através da perspectiva foucaultiana é possível percebermos que não é suficiente identificarmos a existência do poder (nesse caso, o poder da mídia/TV) é preciso mostrarmos como este poder é exercido e através de que meios se sustenta. Faz-se necessário questionarmos as forças que produzem estes discursos, problematizar “as verdades” e as palavras, diferenciando as que exercem ou não poder, através da definição de quem as produz.

Nesse sentido, Barbero (1999, p. 40), um pesquisador colombiano que analisa a questão dos alunos enquanto receptores dos meios de comunicação, relembra que

o mais grave da situação que os desafios da comunicação colocam para a educação é que, enquanto os filhos da burguesia entram em interação com o ecossistema informacional e comunicativo a partir do seu próprio lar, os filhos dos pobres - cujas escolas não têm a menor interação com o meio informático (sendo que para eles a escola é um espaço decisivo para o acesso às novas formas de conhecimento) - estão ficando excluídos do novo espaço de trabalho profissional que a cultura tecnológica configura. Daí a importância estratégica que hoje assume uma escola capaz de um uso criativo e crítico dos meios de comunicação de massa.

Como a escola irá responder a mais esse desafio? Acreditamos que a inserção dos meios de comunicação ao cotidiano escolar, de maneira criativa e atraente, pode promover o diálogo entre aluno e professor e, com isso, contribuir para a redução das desigualdades “impostas” pelo acesso às mídias e para a formação de um aluno crítico em relação aos meios de comunicação e seus conteúdos.



Mas, afinal, como seria esse aluno? Fischer (1993, p.86) define o que seja um espectador crítico em relação aos meios de comunicação como aquele que consegue

identificar a fonte da mensagem; analisar a própria mensagem em si, decompondo-a em seus elementos e visualizando a estrutura geral de sua composição; selecionar a idéia central comunicada; opinar livremente sobre a mensagem; relacionar a mensagem com setores da sua própria vida; criticar o que recebe; e imaginar as outras possibilidades de construção daquela mensagem.

A comunicação, surge, então, como uma necessidade de trabalho conjunto entre aluno x professor. Os estudos atuais envolvendo o veículo televisivo e sua interação com a realidade escolar apontam para a promoção de um desenvolvimento crítico do pensar, uma comunicação permanente e um professor atualizado e integrado com as novas tecnologias, exercendo um papel de facilitador da aprendizagem.

O maior desafio é que, respeitando as potencialidades individuais, a escola e seus educadores consigam realizar a fusão do sistema educacional com os avanços anunciados pelos meios de comunicação e pelas novas tecnologias, adequando a formação dos professores às exigências do ensino.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O trabalho de investigação que realizamos, abordando a relação entre a escola e o aluno telespectador, é apenas um viés de estudo frente à amplitude e a complexidade que a inserção das mídias no processo educativo representa.

Atualmente, torna-se inaceitável que nós, educadores, continuemos a ignorar a linguagem dos meios de comunicação e a necessidade de formação de telespectadores mais críticos e conscientes de seu papel social.

No entanto, sabemos que a interação entre o educando telespectador e a televisão é intermediada por uma enorme gama de fatores. Compreender e explicar esse processo transforma-se em mais um desafio para os profissionais de educação.

Entendemos que esse processo necessita, acima de tudo, de uma reflexão sobre o papel da educação e da comunicação e, também, sobre a função e a importância do educando que aprende e, ao mesmo tempo, ensina.

Precisamos, antes de mais nada, repensar a educação, suas fontes, seus saberes, e a forma de inserção dos veículos de comunicação nesse processo. Esse repensar envolve diversas questões, inclusive a construção e aplicação de programas de formação continuada de professores, preparando-os para dividir espaços com outras fontes de saber.

Repensar a educação não é somente incorporar propostas de modernização no ensino, e sim construir um olhar crítico na totalidade da dinâmica do conhecimento, partindo da realidade escolar e entendendo o educador como principal mediador desse processo.

Uma das considerações que levantamos nessa pesquisa é que quanto mais os alunos se informam e são incentivados a lidar criticamente com as informações que recebem mais condições apresentam de participar dos processos políticos e produtivos da sociedade em que vivem.

É certo que nenhum grupo de alunos é igual ao outro. É certo também que não poderíamos traçar uma proposta de leitura que fosse positiva para todos os grupos, mesmo porque nossa idéia não é produzir receitas e sim discutir um trabalho de análise do veículo televisivo, mostrando suas falhas e também seus acertos.

No entanto, pensamos que existem alguns questionamentos que podem ser realizados no início de qualquer investigação crítica em relação ao veículo televisivo. O pesquisador José Tilburg (1984), autor do livro *Para uma leitura crítica da televisão*, afirma que, no início de seus trabalhos, costuma questionar sempre as preferências de seus alunos com relação aos programas que assistem (do que gostam, do que não gostam, com o que estão de acordo e o que gostariam que fosse mudado).

Em nosso estudo, tomamos as idéias desse autor no que se refere a abordagem inicial aos alunos e também iniciamos nossa pesquisa com questionamentos similares. Paralelo a esses questionamentos, realizamos uma pesquisa sócio-antropológica, visando conhecer um pouco mais a respeito da realidade na qual nosso aluno estava inserido. Percebemos que esses primeiros passos facilitaram bastante o andamento do trabalho, visto que nos deram subsídios para traçarmos uma alternativa de leitura crítica de acordo com a realidade dos alunos, ou seja, levando em conta suas vivências, seus hábitos, o que assistem na TV, do que gostam e do que não gostam.

Constatamos que, ao discutir com os alunos o que estava sendo veiculado e problematizando a respeito do que estava por trás da informação, nos foi oportunizado um convívio com os recursos comunicacionais, seus problemas e suas potencialidades.

Entendemos que um estudo que vise à discussão crítica de mensagens, não será um trabalho a curto prazo. Antes de tudo, é preciso conscientizar a escola de seu importante papel de instituição socializadora, que deve proporcionar a seus alunos uma formação cidadã que tenha como objetivo uma educação para as mídias.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ADORNO, T. A indústria cultural. In: COHN, G (org). *Comunicação e indústria cultural*. 2 ed. São Paulo: Nacional, 1975.

- BARBERO, J. M. Novos regimes de visualidade e descentralizações culturais. *Série de Estudos de Educação a Distância*. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 1999.
- BARBOSA, A. M. *Arte-educação: conflitos/acertos*. São Paulo: Max Limonad, 1984.
- BELLONI, M. L. Educação para a mídia: missão urgente da escola. In: *Revista Comunicação e Sociedade*. Ano X, n.17, p. 33-47. São Paulo: EDIMS, 1991.
- \_\_\_\_\_. *O que é mídia-educação*. São Paulo: autores associados, 2001. (coleção polêmicas do nosso tempo; 78)
- CHIAPPINI, L. A circulação de textos na escola - 2. In: CITELLI, A (org). *Outras linguagens na escola: publicidade, cinema e TV, rádio, jogos, informática*. São Paulo: Cortez, 2000.
- COUTINHO, L. F. TV e informática na Educação. In: *Série de estudos educação a distância*. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, SEED, 1998.
- FIORIN, J. L. *Linguagem e Ideologia*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1990.
- FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. 4 ed. São Paulo: Loyola, 1998.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 20ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 13ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GADOTTI, M. *Perspectivas atuais da Educação*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- GOERGEN, P. A comunicação nas faculdades de educação. In: KUNSCH, M. M. (org). *Comunicação e educação: caminhos cruzados*. São Paulo: Loyola, 1986. p. 155-167.
- GREENFIELD, P. M. *O desenvolvimento do raciocínio na era eletrônica*. São Paulo: Summus, 1988.
- LAZAR, J. *Mídia e aprendizagem*. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 1999.
- MARTHE, M. Hora da verdade na TV paga. *Revista Veja*. Ano 34, n. 14, abr/2001.
- MORAN, J. M. A linguagem revela processos opressores e libertadores na educação. In: *Revista Comunicação e educação*. São Paulo: Moderna, 1982.
- PENTEADO, H. D. *Televisão e escola: conflito ou cooperação*. São Paulo: Cortez, 1991.
- PINTO, M. B. Escola não pode ignorar a TV. In: *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 1998.
- PORTO, T. M. E. Televisão e escola: escolas paralelas? In: *Revista Comunicação e Educação*. Ano II, n.4, p. 25-30, set-dez. São Paulo: Moderna, 1995.
- \_\_\_\_\_. *A televisão na escola... Afinal, que pedagogia é esta?* Araraquara: JM Editora, 2000.
- \_\_\_\_\_. (org). *Saberes e linguagens de educação e comunicação*. Pelotas: UFPEL, 2001.
- REZENDE, A. L. M. & REZENDE, N. B. *A Tevê e a criança que te vê*. São Paulo: Cortez, 1989.

- SADEK, J. R. Educação, Movimento e Escolha. *Série de Estudos de Educação a Distância*. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 1999.
- SAMPAIO, M. N. & LEITE, L. S. *Alfabetização Tecnológica do Professor*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- SOUSA, M. W. *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- TILBURG, J. L. V. *Para uma leitura crítica da televisão*. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.
- ZAMBON, A. L. O papel da escola frente a comunicação televisiva. *In: Jornal Primeira Classe*. Santa Maria, agosto de 2001.